

Socialização musical de crianças e jovens em uma orquestra: sonhos, desejos e projetos familiares

Adriana Bozzetto

Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA
adrianabozzetto@unipampa.edu.br

Comunicação

Resumo: A presente comunicação de pesquisa, recorte da tese de Doutorado (PPGMUS/UFRGS), envolve a compreensão do projeto educativo das famílias de crianças e jovens que aprendem música em uma orquestra na cidade de Porto Alegre, pensada como uma proposta de inserção social através da música. O objetivo central do estudo foi revelar, compreender e discutir projetos educativos familiares enquanto projetos de vida, vinculados à formação musical dos alunos na orquestra. Envolvendo a abordagem qualitativa de pesquisa, o estudo apoiou-se nas discussões de autores como Lahire (2002; 2008), Bourdieu (2008), Gayet (2004), Papadopoulos (2004) e Setton (2002; 2005; 2010; 2012) e foi construído a partir dos depoimentos orais das famílias e dos alunos participantes da orquestra, oriundos dos meios populares. Configurando-se um âmbito específico de socialização, a orquestra entrou de modo intensivo na vida e na rotina dessas crianças e jovens. Atentos em aproveitar produtivamente o tempo dos filhos, muitos pais ressaltaram o quanto ocupar tardes livres e ociosas proporcionou abrir um novo campo no horizonte de vida dos alunos, através da música. Dentre os projetos vislumbrados, está cursar uma faculdade de música em uma universidade pública, além do desejo sublimado em muitas falas de os filhos serem trãnsfugas de classe quando a situação econômica da família é mais precária. O imaginário da vida de músico de orquestra, que toca em teatros nobres, que recebe salário, que é reconhecido socialmente habita, a partir de uma socialização musical intensiva, o sonho individual e coletivo dos alunos e de suas famílias.

Palavras chave: formação musical em orquestra; projeto educativo de famílias; socialização musical.

Introdução ao campo de pesquisa e construção metodológica

O presente trabalho versa sobre a aprendizagem musical de crianças e jovens em uma orquestra a partir do projeto educativo de suas famílias. A referida orquestra iniciou como uma proposta de inserção social visto que são, em sua maioria, pertencentes a famílias de baixa renda. Oriundos de escolas públicas, os alunos passaram por um processo de seleção a partir de um edital público para ingressar na

orquestra, recebem uma bolsa de estudos mensal e ensaiam quatro tardes por semana. A orquestra é regida por um maestro e conta com um grupo de professores dos instrumentos de teclado, violino, viola, violoncelo, contrabaixo e percussão. Considerando a orquestra como campo empírico, o objetivo deste estudo foi revelar, compreender e discutir projetos educativos familiares enquanto projetos de vida, vinculados à formação musical dos alunos na orquestra. Projeto educativo, neste trabalho, é pensado como construção, dedicação, planejamento e investimento que pais e filhos fazem para essa formação musical no contexto da orquestra. A pesquisa situa-se dentro de uma perspectiva sociológica apoiada nos estudos de Lahire (2002; 2008), Bourdieu (2008), Gayet (2004), Papadopoulos (2004) e Setton (2002; 2005; 2010; 2012). Os conceitos de socialização e de família foram a base para este estudo, alicerçados na Sociologia da Educação e da Família. Nessa direção, destaco autores como Lahire, que tem se debruçado em estudos sobre a socialização e suas problemáticas atuais e Setton, sobre os múltiplos espaços de socialização na contemporaneidade como a escola, família, mídias e religião.

A pesquisa foi desenvolvida na perspectiva das metodologias qualitativas, trabalhando com a ideia de não “produzir conhecimentos absolutos, mas interpretações plausíveis”, cultivando uma “capacidade imaginadora” na busca por ampliar “horizontes de compreensão” (OLIVEIRA, 2001, p. 19). Como técnicas de pesquisa, este estudo privilegiou a realização de entrevistas a partir da recolha de depoimentos orais¹ realizados com os alunos e suas famílias. Outras técnicas como observações livres e participantes no campo de pesquisa e o registro em diários de campo mostraram-se fundamentais para a construção da trama teórico-metodológica. Lapassade (2005) traça como uma das características da observação participante o fato de possibilitar partir “da realidade social para tentar extrair, por meio de encontros entre os pesquisadores e os atores sociais, um funcionamento da sociedade” (LAPASSADE, 2005, p. 87).

¹ Para compor orientações metodológicas da tese, consultei os estudos sociológicos do Centro de Estudos Rurais e Urbanos da Universidade de São Paulo - CERU/USP. Realizar entrevistas a partir da técnica do depoimento oral situa-se como uma forma de se obter narrativas dentro do desenvolvimento de estudos com História Oral. Conforme Lang, Campos e Demartini (2010, p. 20), o “desenvolvimento de pesquisas qualitativas, reflexões, leituras e discussões levaram o CERU a adotar a metodologia da História Oral, por considerar extremamente rica a elaboração de documentos construídos por meio de uma entrevista marcada pela interação entre o pesquisador e o entrevistado”.

Ao trabalhar com depoimentos orais fiz o exercício de registrar o não dito, minhas impressões, sensações, ideias e o contexto em que os depoimentos foram construídos no que chamei de diários de entrevista. As entrevistas foram realizadas de novembro de 2010 a abril de 2011. Entrevistei 28 alunos dos quais 27 estavam ativos na orquestra e uma aluna recentemente havia saído do grupo. Os pseudônimos foram escolhidos pelos entrevistados. Entrevistei, também, as 27 famílias destes alunos tendo em vista que dois integrantes são irmãos. Da mesma forma, os pseudônimos foram escolhidos pelos próprios participantes.

Tocar na orquestra: o desejo de se tornarem músicos profissionais

O ingresso no mundo artístico que envolve a prática musical na orquestra provocou o desejo dos alunos participantes de se tornarem músicos profissionais. Beatriz, assim como diversos colegas, revelou que depois de tantas opções já pensadas para se dedicar profissionalmente, quer ser “musicista”, contando com o apoio de sua família: “desde pequena eu sempre tive vontade só que eu só tocava flauta, fiz algumas aulas de teclado também aí depois aqui na orquestra que eu peguei o violino e pelo violino me apaixonei de verdade”, enfatizando que para realizar esse plano futuro considera necessário ter “estudo e dedicação”. Diversos depoimentos ilustraram a possibilidade de serem músicos de orquestras profissionais e, como um “sonho”, tocar na “Filarmônica de Berlim”. Fortemente determinada a “ser solista” em seu instrumento, Nicolly vê nos concertos de contrabaixo a possibilidade de tocar também a “melodia”, já que na orquestra predomina “acompanhamento”. Para ela, “quem se torna concertista, que é o maior posto do músico, tem tudo: tem melodia, tem coisas difíceis, coisas que requerem muita, muita, muita técnica”. Para que seja possível realizar esse sonho, que a aluna acredita ser uma possibilidade de “subir na vida”, existe a consciência de que é necessário muito estudo e dedicação:

(...) eu acho que eu tenho que estudar muito, muito, muito, muito mesmo, porque não é fácil. (...) Tenho que me esforçar muito, tenho que mostrar pras pessoas que eu quero e que eu sei, e acho que só. O meu objetivo é esse, é o objetivo de todo músico, eu acho, se tornar o maior posto. Mas nem todos conseguem e eu quero conseguir, e eu vou conseguir (Nicolly, aluna de contrabaixo).

Conforme pontua Hikiji (2006), o olhar construído socialmente do “aprendizado de um instrumento de orquestra é geralmente entendido, por músicos, pedagogos ou leigos, como ‘difícil’. É associado à disponibilidade de dedicação, tempo, concentração, persistência” e, além disso, os “resultados não são imediatos” (HIKIJ, 2006, p. 154). Os alunos, além da opção por continuarem tocando em orquestras, citaram o desejo de se tornarem professores de instrumento ou maestros. Também, criar arranjos e composições musicais ou seguirem em outras áreas na música. Nessa perspectiva, Ricardo projeta “ser um violoncelista profissional”, o que, segundo ele, possibilitaria de se “tornar”, também, “um professor”. Pelo fato de já dar aulas em oficinas de música na escola que sempre estudou, o aluno revelou o interesse por essas duas atuações profissionais na área da música:

Eu gosto de poder passar o que eu sei, sabe? O meu conhecimento pras pessoas. É legal isso, bem interessante. E assim, quando eu tô passando o conhecimento, eu estou fazendo com que o conhecimento fique dentro de mim, porque eu tô memorizando teoricamente o que eu tô..., se eu falar sobre aquele assunto, aquele assunto vai ficar mais próprio pra mim, entendeu? Vai ficar mais nítido (Ricardo, aluno de violoncelo).

Além de “tocar em orquestras”, Joli gostaria de “ser professora de viola”, reconhecendo que, para isso, teria muito o que aprender pois não tem “muita paciência”. Ampliando o espaço da orquestra para se realizar profissionalmente, Lívia salienta outras possibilidades de atuação, também como cantora:

Olha, realmente eu queria me profissionalizar em música, em violino; eu queria saber tocar teclado, saber tocar algumas músicas - não queria ser profissional mas eu queria aprender a tocar, queria ser profissional em violino; mas eu, acima de tudo, sempre quis ser cantora. Eu queria ser uma cantora, por exemplo, Demi Lovato, que ela vai lá e ela mesma toca as músicas. Aí ela pega, vai tocando piano e vai cantando. Isso aí seria meu sonho, sabe, ser profissional em música e cantar. Por exemplo, tem um solo de violino na música, aí tu vai lá e toca violino. Esse realmente sempre foi o meu sonho! (Lívia, aluna de violino).

Assim como outros colegas expressaram, o imaginário do mundo da orquestra sinfônica também circula em alguns setores das classes populares. Como em alguns casos, o encantamento e a curiosidade pela música erudita não iniciou apenas com a

entrada no projeto da orquestra em que estudam, mas por assistirem programas de uma orquestra sinfônica local na televisão, muitas vezes em companhia da família.

O papel da orquestra e da família na escolha profissional

Discutindo o papel da orquestra para concretizar o desejo de o filho seguir a música como profissão, a mãe de Martines revela “que a orquestra foi o princípio de tudo, foi o primeiro passo”. No espaço da orquestra o filho “tá aprendendo tudo, tá conhecendo tudo”, acreditando que a partir dessa experiência inicial “ele vá pra melhor”. Além do espaço socializador da orquestra como ponto de partida e motivação para os alunos seguirem a música como profissão, as aprendizagens musicais em família, no que diz respeito à construção de um gosto pela “música clássica”, justifica o desejo de Raquel que “sempre quis” ser musicista. A aluna explica como esse processo iniciou:

(...) meu pai pegou, ele chegou um dia em casa muito cansado e botou um disco, aqueles discos de vinil. Tinha uma música clássica, tava tocando um violino. (...) Eu achei muito bonito, daí eu falei pra ele: “Ah, pai, quero tocar, o que é isso?” (Raquel, aluna de violoncelo).

Preocupada com o futuro da filha para que ela não desista de seu “alvo” que é seguir a música como profissão, Mara revelou em seu depoimento o olhar da família apoiando para que a menina tenha foco nos estudos e que isso seja seu primeiro plano na vida antes de casar e ter filhos. Nesse sentido, Lahire (2008) reforça que “os pais dos meios populares vão, pouco a pouco e em graus diferentes conforme os recursos e as trajetórias familiares, investir na escola como um importante desafio” (LAHIRE, 2008, p. 256). Satisfeita com o crescimento e envolvimento musical da filha que estuda viola na orquestra, a mãe de Joli projeta o que vislumbra para suas duas filhas, já que a segunda também está ingressando no grupo:

Eu sonho com elas como uma boa musicista. Mas vamos ver, a gente vai tentar dar suporte pra isso, mas aí se elas vão ser eu não sei. (...) Eu adoro música e eu acho que depois que entrou aqui dentro de casa foi muito bom, todo mundo gosta, não tem quem não goste. E a gente vendo a evolução delas assim pouco a pouco, delas ou de qualquer outra criança da orquestra, a gente fica muito contente e..., não sei. É uma coisa que fica mais no emocional, que a gente não consegue descrever tanto. Porque eu sou uma pessoa muito coração, muito sentimental. Então essas coisas assim mexem comigo e eu fico muito feliz quando eu vejo que tá dando certo, que tudo tá indo pra frente! (Mãe da Joli).

A competência dos pais em conduzir seus descendentes para a realização de diferentes carreiras musicais acontece, por um lado, segundo o tipo de projeto aos quais esses últimos são ligados e, por outro, segundo seu meio de pertencimento (PAPADOPOULOS, 2004). Ser “músico” é a profissão que a mãe do André Rieu da Silva aspira para o filho único, que estuda violino na orquestra. Esse desejo fundamenta-se nos próprios planos do filho, já que “ele quer tocar na OSPA²”:

Ele passa pelo futuro teatro da OSPA ali, sempre, todas as vezes que nós passamos ali, pode ser de manhã, de tarde, de tarde e de noite de novo, quatro vezes ao dia, ele passa ali e me cutuca: “*Mãe, me aguarde*”. Sempre ele faz esse gesto: “*Me aguarde*”. (...) Mesmo sabendo que não é fácil, que tem concurso, que tem ‘n’ pessoas querendo a mesma coisa, é um projeto, um sonho dele (Mãe do André Rieu da Silva).

O argumento levantado em várias entrevistas para os filhos seguirem na música profissionalmente deve-se ao fato de que gostam e falam “bastante em música”. Segundo Gayet (2004, p. 99), “estimulando a autonomia da criança, os pais responsabilizam o filho e o convidam então a se reivindicar como autor do que lhe acontece”, assumindo os limites e as demandas de suas escolhas, conforme exemplifica a mãe de Fernanda, que estuda violino na orquestra:

Então eu passo isso pra ela, peço pra ela observar as pessoas: “*É música o que tu quer realmente? (...) É da música que tu quer fazer a tua profissão, da onde tu quer tirar o teu dinheiro, te projetar na tua vida? (...) Ou tu quer ser uma arquiteta, uma engenheira, uma contadora, uma administradora*”, ou sei lá o que ela vai ser, tu entendeu? Eu só questiono isso pra ela. Quando ela vem muito apaixonada por uma profissão: “*O que tu sabes sobre isso, como tu chegou a isso?*” (...) Então é isso que eu vou passando pra ela. E eu sempre peço muito pra ela observar as pessoas, muito! (Mãe da Fernanda).

Parece haver um consenso de que ter a música como profissão pode ser tanto um caminho seguro, pelo fato de os alunos terem sido selecionados a integrar o seletivo grupo da orquestra quanto uma profissão difícil, já que, segundo a mãe de Alice, em “nosso país, infelizmente, arte é uma coisa que não é muito reconhecida”. Ao mesmo tempo, a mãe aconselha a filha dizendo: “agarra com as duas mãos, e toca em frente”, tendo em vista que “é uma oportunidade que poucos conseguem”. Uma tônica percebida nos depoimentos das famílias diz respeito aos alunos cursarem uma

² Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (RS).

“faculdade de música”, preferencialmente em uma universidade pública. Ao falar de projetos futuros para o filho, Nara evocou lembranças de quando o filho era menor e ela pensava que ele poderia vir a ser “um professor”, ou então “um enfermeiro”, desejando que ele pudesse investir nos estudos. Orgulhosa do quanto o filho está motivado e decidido, Nara compartilha a visão de Ricardo, aluno de violoncelo, que argumenta novos tempos e rupturas sociais no desejo subliminar de ser um trãnsfuga de classe:

O Ricardo é um piá que não acredita em destino. Ele diz: “*Mãe, eu não acredito em destino, porque o destino tu pode mudar. Todo destino da gente a gente pode mudar*”, ele disse pra mim. Eu disse: “*Ah, Ricardo, nunca ninguém gostou de música na minha família, a gente começou a trabalhar muito cedo, a gente gostava era de uma enxada*”. Ele dizia: “*Não mãe, os tempos mudaram. E eu gosto de música. E eu vou, tu vai ver, eu ainda vou fazer uma faculdade de música*”, ele dizia pra mim (Nara, mãe do Ricardo).

Práticas pedagógicas familiares: suporte afetivo e emocional

Os depoimentos trouxeram, na voz dos familiares entrevistados, o desejo de que os filhos tenham uma profissão digna, que não desperdicem o tempo produtivo que deve ser dedicado também aos estudos e que consigam se realizar naquilo que optarem por seguir profissionalmente. Para contribuir com o sucesso desse projeto educativo, revelaram práticas pedagógicas familiares alicerçadas na confiança em que depositam no projeto musical do qual seus filhos fazem parte. Buscam trabalhar lado a lado quando percebem que é necessário um suporte afetivo para que os filhos lidem com a pressão constante e com as exigências de quem deseja ser músico profissional em uma fase da vida em que ainda são jovens, cheios de sonhos e desejos. Essa “disposição favorável dos pais face ao aprendizado de música (...) favorece a continuidade da experiência musical e o surgimento de sua própria apreciação pelos filhos” (PAPADOPOULOS, 2004, p. 100).

No depoimento de Mara, mãe de Ana Clara que estuda violino na orquestra, o papel da família é orientar no que for preciso, compreendendo que a filha deve ir em busca de seus objetivos a partir do seu esforço, de seu mérito. A mãe aponta que, estando todos juntos, é mais fácil vencer as dificuldades, em uma prática pedagógica que valoriza a conversa com os filhos, o suporte e apoio afetivo:

Eu disse [à filha]: “*porque o que acontecer, seja ali na orquestra, seja na escola, que não te agrada, tu tem que contar pra gente poder te ajudar. Porque as coisas não são, assim, de qualquer maneira. É tudo, tudo tem que ser um dia após o outro, uma coisa primeiro, e a outra, pra gente chegar lá!*” (Mara, mãe da Ana Clara).

A família também opera, conforme os depoimentos, através de conversas, no envolvimento emocional, naquele apoio construído através de conselhos, aprendizagens pela e através da experiência dos pais, irmãos, e nas dificuldades vividas em família que os pais não querem que os filhos reproduzam.

Reflexões finais

Ao buscar escutar e compreender projetos educativos familiares, foi possível abstrair nuances dos desejos profissionais para a vida dos filhos. Há pais que farão “de tudo” para que os filhos possam concretizar a profissão de músico, mesmo admitindo os limites, as dificuldades, a concorrência e o esforço que acompanha essa carreira profissional. Por outro viés, há pais que aconselham, apontam outras opções profissionais, relativizam a aprendizagem musical como algo excessivamente prazeroso e mágico, deixando os filhos mais livres para escolherem, desde que isso lhes traga realização e felicidade.

Algumas inquietações também foram compartilhadas nos relatos orais. Mesmo conhecendo a vontade de o filho fazer música profissionalmente, os pais se mostram preocupados com as dificuldades da área e estão atentos para que os filhos consigam viver da sua escolha profissional, alertando para o quanto devem se dedicar e lutar pra conseguir um lugar no disputado campo da música de orquestra. Para a concretização da profissão de músico, não é somente o trabalho intensivo na orquestra, na qual os alunos têm ensaios e aulas quatro tardes por semana, mas o papel dos pais e/ou avós em seus projetos educativos, que trabalham em sinergia com esse projeto musical da orquestra. Onde se lê um desejo individual (ELIAS, 1994), leia-se um desejo coletivo, projetado e investido pelas famílias dos que ali permanecem.

Durante a pesquisa me vi diante de famílias reais, que sonham com os pés no chão e que desejam ver os filhos felizes no que optarem profissionalmente, prestando atenção ao que fazem e gostam. Isso não exclui tensões e conflitos familiares, mas

apresentam famílias dispostas a elaborar estratégias para que os filhos sigam sua formação musical e consigam ser, nesse universo da música de orquestra, trânsfugas de classe, bem-sucedidos no campo profissional e, também, econômico. As famílias têm sonhos, expectativas de que os filhos “vençam”, mas possuem ideias claras que o caminho para a profissionalização é árduo e exige privações, muitas vezes ligadas a um tipo de disciplina e responsabilidade com o estudo do instrumento e repertório musical da orquestra, por vezes substituindo um período da vida dos filhos destinado, também, ao lazer. No entanto, embora alguns pais apontem mudanças específicas na vida dos filhos “para melhor”, outros questionam aspectos do projeto em que os filhos estão aprendendo música, atentos às transformações que o tempo de socialização em grupo provoca.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre (Coord.). *A Miséria do Mundo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008a. p. 693-732.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. In: BOURDIEU, Pierre (Coord.). *A Miséria do Mundo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008b. p. 159-166.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

GAYET, Daniel. *Les Pratiques Éducatives des familles*. Paris: PUF, 2004.

HIKIJ, Rose Satiko G. *A música e o risco: etnografia da performance de crianças e jovens participantes de um projeto social de ensino musical*. São Paulo: Edusp, 2006.

LAHIRE, Bernard. *Homem Plural: os determinantes da ação*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 2008.

LANG, Alice Beatriz da S. Gordo; CAMPOS, Maria Christina S. de Souza; DEMARTINI, Zeila De Brito F. *História Oral, Sociologia e Pesquisa: a abordagem do CERU*. São Paulo: Humanitas-CERU, 2010.

LAPASSADE, Georges. *As Microsociologias*. Tradução: Lucie Didio. Brasília: Líber Livro, 2005.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (Org.). *Metodologia das ciências humanas*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 17-28.

PAPADOPOULOS, Kalliopi. *Profession musicien: un “don”, un héritage, un projet?* Paris: L’Harmattan, 2004.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 107-116, jan./jun. 2002.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, p. 335-350, nov. 2005.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Processos de socialização, práticas de cultura e legitimidade cultural. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.15, n. 28, p. 19-35, 2010.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. *Socialização e cultura: ensaios teóricos*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2012.